

FMI pede ao Brasil rigor na política monetária

○ DAY AFTER DO COPOM

O MERCADO PUXA O JURO PARA CIMA

Evolução das taxas de contratos de um ano (% ao ano)



PRÓS E CONTRAS DA DECISÃO DO BANCO CENTRAL

APROVAM

- O BC mostrou compromisso com o sistema de metas inflacionárias, o que reforça sua credibilidade
- O risco de que a inflação supere o teto da meta deste ano, de 5,5%, justifica uma atitude mais cautelosa, pois a meta de 2001 não foi cumprida
- As expectativas do mercado para a inflação de 2002 subiram de 4,83% em janeiro para 5,32% na semana passada. Segundo alguns analistas, essas expectativas têm um peso importante na taxa efetiva da inflação
- Há muitas incertezas em relação ao comportamento do petróleo. Dependendo do nível que esses preços atinjam, os combustíveis poderão voltar a subir por aqui, o que causa impactos diretos e indiretos sobre a inflação

DESAPROVAM

- O BC tornou a política monetária mais rígida, o que vai prejudicar o início da recuperação econômica deste começo de ano
 - A inflação está pressionada pela alta dos preços administrados, como tarifas de energia e combustíveis, que não são afetados por mudanças nos juros
 - Os juros reais (descontada a inflação) estão em níveis muito elevados, na casa de 10%, e elevam o custo fiscal, além de inibirem as decisões de consumo e investimento, o que prejudica o crescimento
 - O câmbio, cujo comportamento tem grande impacto sobre a inflação, está comportado. O País está recebendo uma enxurrada de dólares e o risco país recuou com força desde setembro
- Art. Estado/Gisele Oliveira

Fundo alerta para o tamanho da dívida e, especificamente, sua vulnerabilidade cambial

FABIO ALVES
e FERNANDO DANTAS

WASHINGTON – O Fundo Monetário Internacional (FMI) recomenda que o governo brasileiro se mantenha em alerta na condução da política monetária. Segundo o Fundo, a política monetária tem sido afrouxada modestamente nos últimos meses, mas o País deve se manter “vigilante para garantir a obtenção da meta de inflação”, enquanto a política fiscal permanece nos trilhos.

A recomendação consta do documento *Perspectiva Econômica Mundial*, divulgado ontem no início da reunião de Primavera do FMI e do Banco Mundial (Bird). Nele, o FMI prevê uma inflação de 6,1% para o País este ano, estimativa que corresponde à inflação média anual e não pode ser comparada com o índice fechado de janeiro a dezembro, como é o caso do IPCA, utilizado pelo governo para balizar o regime de meta de inflação. Para o ano que vem, o Fundo projeta um IPCA médio anual de 3,9%.

Em relação ao crescimento econômico, o FMI aumentou em meio ponto porcentual a estimativa de expansão do Produto Interno Bruto (PIB) este ano, para 2,5%. A previsão para

2003 é de um crescimento de 3,5%. Estima ainda um déficit em conta corrente de 3,7% do PIB em 2002 e 4,1% em 2003.

O documento do FMI ressalta que o fortalecimento da economia brasileira este ano e no próximo deverá ser influenciado pela recuperação econômica em curso nos EUA e na Europa, além do alívio na crise de energia elétrica em 2001.

Vulnerabilidade – Apesar de elogiar o desempenho recente das contas brasileiras, o FMI vê a elevada dívida pública como um dos principais riscos à perspectiva da economia nacional. Ontem, durante a entrevista para apresentação do documento *Perspectiva Econômica Global*, o vice-diretor do departamento de pesquisa econômica do FMI, David Robinson, disse que, apesar do bom desempenho da condução na política econômica, há uma preocupação do Fundo com o nível da dívida pública brasileira, ainda elevado.

Ele citou a parcela da dívida indexada ao câmbio. “O Brasil precisa reduzir a sua vulnerabilidade nessa área”, disse. Uma das maneiras para isso, segundo Robinson, é continuar a atingir as metas de superávits primários de 3,5% do PIB.

Outra forma importante para reduzir as vulnerabilidades

externas do País, disse o economista, é ampliar gradualmente a abertura da economia para o comércio mundial. “Isso contribuiria para reduzir a relação dívida/exportações”, observou.

O economista-chefe do FMI, Kenneth Rogoff, reforçou os elogios à atitude do governo brasileiro na condução da política econômica, como fizera no dia anterior o diretor-gerente da instituição, Horst Köhler. “Embora tenha ocorrido um ligeiro aumento na inflação, isso parece estar sendo administrado pelas autoridades”, afirmou. Rogoff disse que há algumas preocupações com o fato de 2002 ser um ano eleitoral. “Alguns países em ano eleitoral tendem a relaxar sua atenção ao equilíbrio fiscal. Mas não vemos

isso neste momento ocorrendo no Brasil”, explicou.

Reuniões – O ministro da Fazenda, Pedro Malan, chegou ontem em Washington para participar do início da reunião do FMI e do Bird. Amanhã ele terá um encontro com a vice-diretora-gerente do FMI, Anne Krueger e, no domingo, com Horst Köhler. Em seguida, está previsto um encontro com o diretor para Assuntos de Hemisfério Ocidental, Claudio Loser, e com o chefe da missão brasileira do FMI, Lorenzo Perez.

PREVISÃO
PARA O PIB
AUMENTOU
PARA 2,5%